

Reflexão sobre os métodos mistos e os estudos em comunicação: (in)compatibilidades¹

Victor Hugo Lima ALVES²
Universidade Federal de Roraima

RESUMO

À medida que a pesquisa de métodos mistos tem sido adotada pelas diversas áreas científicas torna-se mandatório uma análise crítico-reflexiva para avaliação de sua contribuição para o avanço do campo. Para tanto, este ensaio aborda os pressupostos científicos da proposta sob a perspectiva do conhecimento sistematizado. O percurso argumentativo evidencia inconsistências que colocam sob risco a vigilância crítica da pesquisa. Os estudos em comunicação, portanto, podem prescindir de seu uso em favor dos paradigmas científicos tradicionais, com idênticas possibilidades metodológicas.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Ciência; Pesquisa; Metodologia; Métodos mistos.

INTRODUÇÃO

A pesquisa de métodos mistos é adotada nas áreas científicas sem as agruras das críticas. Porventura, a racionalidade científica cedeu lugar ao casuísmo metodológico. É desejável submetê-la a uma leitura interrogativa, crítico-reflexiva, para examinar os pressupostos e as contribuições ao campo comunicacional face as suas ideias precursoras, sinalizando o conhecimento disponível para avaliação e crítica prévia ante as formulações emergentes.

Este ensaio argumenta que esse movimento metodológico substitui as premissas científicas vigentes, cuja vantagem é a vigilância crítica da pesquisa (MARTINS; THEÓPHILO, 2009), sem a qual dissipasse os fundamentos mínimos pelos quais o conhecimento científico se constitui, preservada a flexibilidade e a inovação de cada campo, por soluções reducionistas e simplificadoras, sem restituir parâmetros fidedignos ao fazer científico, considerando que permaneçam relevantes à atividade científica.

Para isso, consideramos aspectos basilares: (a) a combinação das pesquisas ou dos métodos quantitativo e qualitativo; (b) as representações por números ou palavras (ou coleta de números ou palavras); (c) a estruturação pela utilização de perguntas e repostas

¹ Trabalho apresentado no DT 6 - Interfaces Comunicacionais do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Campina Grande/PB – 20 a 22/06/2023.

² Doutor em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Docente na Universidade Federal de Roraima. Pesquisador Líder do SEMIOCOM – Grupo de Pesquisa em Comunicação, Consumo e Contemporaneidade. E-mail: valves.mkt@gmail.com .

fechadas (hipóteses quantitativas) e perguntas abertas (entrevista qualitativa); (d) o não comprometimento com sistemas filosófico e de realidade, com livre escolha do método; (e) o uso da validação pelas abordagens tradicionais (GREENE; KREIDER; MAYER, 2015, p. 331; CRESWELL; CLARK, 2013, p. 20-22 e 212-213; CRESWELL; CRESWELL, 2021, p. 1 e 8).

REFLEXÕES

O debate paradigmático empreendeu análises substanciais e assentou importante marco para o fazer científico – a investigação disciplinada (GUBA, 1990, p. 18). Talvez, a mais relevante seja a (in)compatibilidade entre os paradigmas da pesquisa.

Os paradigmas são conjuntos básicos de crenças orientadores da ação formalizados no nível filosófico da pesquisa pelas premissas ontológicas, epistemológicas, axiológicas e metodológicas (GUBA, 1990, p. 17; DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 34; LINCOLN; GUBA, 2006, p. 177-178; SAUNDERS; LEWIS; THORNHILL, 2007, p. 102).

As premissas ontológicas (realismo / idealismo / interação sujeito-objeto) e epistemológicas (objetivista / subjetivista / construtivista) direcionam a abordagem da pesquisa. A ontologia baseia a delimitação do problema de pesquisa e norteia a epistemologia, cuja função crítica atua como orientadora científica geral para a definição do método de pesquisa (MUNIZ; MUNIZ, 1996; SACCOL, 2009; BUNGE, 1989).

Em breve descrição, Saccol (2009) indica que as lógicas prevalentes nos paradigmas positivista e interpretativista³, são, respectivamente, hipotético-dedutiva e indutiva. A literatura descreve a proposição do método hipotético-dedutivo de Popper e a abstração lógica do método indutivo. Nelas inexistem qualquer referência a um sistema de notação, seja por números, seja por palavras, ou seja, a lógica da pesquisa não se define pela notação ou coleta de números ou palavras.

A lógica resulta da reflexão que a delimitação do problema de pesquisa impõe ao pesquisador pela maneira que o fenômeno circunscrito aborda o conhecimento sobre a realidade. Como os paradigmas são o ponto de partida determinante da investigação

³ Termo genérico para os paradigmas decorrentes do idealismo / interação sujeito-objeto (ontologia) e subjetivista / construtivista (epistemologia), em que se afiliam diversas denominações (interacionismo simbólico, fenomenologia, teoria crítica, e o próprio interpretativismo) geralmente opostas ao positivismo.

científica e como ela deve ser praticada, o método deriva da lógica implícita no paradigma evocado pelo objeto da investigação (GUBA, 1990, p. 18; FILSTEAD, 1979, p. 37).

Já a metodologia tem sido relacionada particularmente aos procedimentos de coleta de dados, mas ela não possui *status* próprio, deve-se discuti-la a partir do quadro de referência teórico, que é condicionado pelos pressupostos epistemológicos. Há, ao menos, duas dimensões da metodologia no método científico, qual seja o “método”, de nível abstrato, e os métodos da pesquisa, no nível da “abordagem metodológica”⁴. (BUNGE, 1989; DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 34; LUNA, 1988, p. 70-72; MUNIZ; MUNIZ, 1996, p. 94).

Por conseguinte, a tipologia quantitativo-qualitativo espelha o método à medida que se refere à inserção do objeto de conhecimento no sistema lógico da pesquisa científica, interligando-o ao paradigma desde a delimitação do problema de pesquisa. Ademais, inexistência de qualquer atributo fidedigno pelo qual se permita tal diferenciação para a abordagem metodológica. Talvez, a história explique.

A pesquisa qualitativa nas Ciências Sociais foi forjada na tradição do paradigma positivista e, em certo momento, no pós-positivista, logo, com tendência da abordagem quantitativa. Quando novas formas de investigação foram criadas, elas foram nominadas qualitativas, em oposição, e, em muitos casos, no contexto de críticas (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 23; GODOY, 1995; FLICK, 2009, p. 40). Desde então, isso se reproduz, relegando o mais das vezes a precisão conceitual, uma noção cara à ciência.

Antes de prosseguir, falemos dos métodos de pesquisa – a abordagem metodológica. A diferença explícita da lógica quantitativo / qualitativo é o tratamento estatístico. O questionário talvez seja representativo. Possivelmente, é o primeiro instrumento de coleta de dados muito utilizado para levantamentos com grandes amostras no paradigma positivista. Diz-se, então, que é quantitativo. Mas ele apenas coleta as informações. O que consolida os resultados para o paradigma é o tratamento estatístico (talvez, a estatística consolide o próprio paradigma)⁵. Ele também pode coletar dados em grandes amostras no paradigma interpretativista, em que a representatividade e a generalização não são exigências.

⁴ Adotamos adiante os termos em aspas.

⁵ Nos experimentos e teste de hipóteses, é o tratamento estatístico que garante a validação dos dados.

Um exemplo na abordagem interpretativista: se o problema de pesquisa indicar saber algo pela ótica do outro em que pode haver posições contrárias ou favoráveis, mas o universo é grande para entrevistas, como escolher a amostra? Pode-se conjugar o questionário para conhecer a tendência das posições e desde o resultado realizar as entrevistas com os indivíduos aptos a responder ao que se propôs no estudo⁶.

Bauer e Gaskell (2008, p. 20) demonstram outras combinações, mas é Lakatos, Marconi (1991, p. 106-112) que prestam utilíssima contribuição ao ensinar sobre os métodos de procedimento, evidentemente esquecidos. O estatístico é um deles e pode ser utilizado em ambas as abordagens.

Voltemos à compatibilidade dos métodos. Segundo Guba (1990, p. 18), os paradigmas “não podem ser provados ou refutados em nenhum sentido fundamental”. Afinal, são constituídos de axiomas, necessariamente premissas verdadeiras e evidentes, mas indemonstráveis. Qualquer esquema interpretativo orienta-se por conjunto de crenças habitualmente inconscientes sobre o tipo de mundo e a maneira pela qual deve ser apreendido, que podem, em número variável, ser incontestadas, invisíveis, apenas supostas, mas também extremamente problemáticas e controversas. Os modos de perceber encarcera o pesquisador na rede de premissas epistemológicas e ontológicas, que, independentemente da verdade ou falsidade final, tornam-se parcialmente autoavaliadoras (GUBA, 1990, p. 34; BATESON, 1972, p. 320).

Na análise da acomodação e comensurabilidade dos paradigmas estão os limites da possibilidade de representar o melhor de duas visões de mundo.

A resposta para essa dúvida deve ser um *sim* cauteloso, o que pode ser verificado especialmente se os modelos (paradigmas) possuem elementos axiomáticos em comum que sejam similares, ou que encontrem uma forte ressonância entre eles. Assim, o *positivismo* e o *pós-positivismo*, por exemplo, são claramente comensuráveis. Seguindo a mesma tendência, elementos da teoria crítica interpretativista/pós-moderna, da investigação construtivista e participativa ajustam-se confortavelmente. A comensurabilidade está em jogo apenas quando os pesquisadores desejam “escolher a dedo” entre os axiomas dos modelos positivista e interpretativista, pois os axiomas são contraditórios e mutuamente exclusivos (LINCOLN; GUBA, 2006, p. 178, grifos do autor).

⁶ É comum a percepção de que o questionário é da/para a abordagem positivista. Não é! Pode-se utilizá-lo em ambas. Nas abordagens interpretativistas, em que se tenha uma grande amostra e não seja necessária a representatividade, como é de sua característica, pode figurar sozinho ou conjugado, se atender ao critério da informação a ser coletada.

Enfim, os paradigmas são incompatíveis quando fora do mesmo espectro axiomático e a metodologia comporta combinações de estratégias, técnicas ou instrumentos, como observa Luna (2002, 78), com adequação e propósito nos paradigmas científicos tradicionais, garantindo critérios mínimos de fidedignidade, autenticidade e validade, sob a tutela de cada paradigma (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 164; LINCOLN; GUBA, 2006, p. 170).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No percurso intentamos esclarecer que os tipos quantitativo/qualitativo não são relativos à dimensão da abordagem metodológica, mas ao método e, como refletem paradigmas contraditórios, a compatibilidade é inalcançável – aspecto a; e eles não se fundamentam na representação ou na coleta de números ou palavras, ou no tipo de estruturação de perguntas e respostas⁷ – aspectos b/c; há descompromisso com os sistemas filosófico e de realidade, e a livre escolha do método não permite a vigilância crítica exigida pela ciência – se ainda for assim – aspecto d; não indicam critérios de validade específicos do paradigma pragmático, ao qual se afiliam, mas adotam os das abordagens quantitativo/qualitativo, em referência aos critérios de adequação da abordagem metodológica dos paradigmas positivistas e interpretativistas, que contraditoriamente pretendem superar – aspecto e. Sendo assim, a pesquisa de métodos mistos alinha-se ao “anarquismo” metodológico (FEYERABEND, 1977), sem, entretanto, o requinte intelectual.

Ante o exposto, os estudos em comunicação (e quaisquer outras áreas) podem prescindir desta concepção de métodos mistos sem qualquer efeito deletério. Os paradigmas científicos estabelecidos têm condições de responder às demandas que se apresentam. Precisa-se, entretanto, de formação científica mais adequada.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. O debate atual sobre os paradigmas de pesquisa em educação. *Cad. Pesq.* São Paulo, n. 96, p. 15-23, fev. 1996.

BATESON, Gregory. **Steps to an ecology of mind**. Northvale: Jason Aronson Inc., 1972.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **A pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2008.

⁷ E tal divisão não se justifica sequer nos próprios instrumentos, mas é assunto para outro espaço.

BUNGE, Mario. **La investigación científica**. Barcelona: Ariel, S.A., 1989.

CRESWELL, John W.; CLARK, Vicki L. Plano. **Pesquisa de métodos mistos**. Porto Alegre: Penso, 2013.

CRESWELL, John W.; CRESWELL, J. David. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Penso, 2021.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. RJ: F. Alves, 1977.

FILSTEAD, W. Qualitative methods: a needed perspective in evaluation research. In: REICHARD, C.; COOK, T. **Quantitative and qualitative methods in evaluation research**. London: Sage, 1979. p. 33-48.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr. 1995.

GREENE, Jennifer; KREIDER, Holly; MAYER, Ellen. Combinação de métodos qualitativos e quantitativos na pesquisa social. In: SOMEKH, Bridget; LEWIN, Cathy (orgs.). **Teoria e Métodos de Pesquisa social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p. 331-340.

GUBA, Egon. G. The alternative paradigm dialog. In: GUBA, E. G. (ed.) **The paradigm dialog**. London: Sage, 1990. p. 17-27.

LAKATOS, Eva M.; MARCONI; Marina de A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1991.

LINCOLN, Yvonna S.; GUBA, Egon G. Controvérsias paradigmáticas, contradições e confluências emergentes. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 169-192.

LUNA, S. V. de. O falso conflito entre tendências metodológicas. **Cadernos De Pesquisa**. São Paulo, n. 66, 70-74, ago. 1988.

LUNA, S. V. de. **Planejamento de pesquisa: uma introdução**. São Paulo: EDUC, 2002.

MARTINS, Gilberto de A.; THEÓPHILO, Carlos R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. SP: Atlas, 2009.

MUNIZ, José N.; MUNIZ, Vera Lúcia T. A normatividade metodológica. **Revista de Ciências Humanas**. Florianópolis, v. 14, n. 20, p. 93-101, 1996.

SACCOL, Amarolinda Z. Um retorno ao básico: compreendendo os paradigmas de pesquisa e sua aplicação na pesquisa em administração. **Revista Adm.** Santa Maria, v. 2, n. 2, p. 250-269, mai./ago. 2009.

SAUNDERS, Mark; LEWIS, Philip; THORNHILL, Adrian. **Research Methods for Business Students.** Harlow: Prentice Hall, 2007.